



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

CARLA ELIZABETH SANTOS DE ANDRADE

**O ESPAÇO GEOGRÁFICO PARAIBANO ATRAVÉS DE ESCRITORES
CLÁSSICOS REGIONAIS: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

**CAMPINA GRANDE - PB
2014**

CARLA ELIZABETH SANTOS DE ANDRADE

**O ESPAÇO GEOGRÁFICO PARAIBANO ATRAVÉS DE ESCRITORES
CLÁSSICOS REGIONAIS: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Fundamentos da Educação.

Área de concentração: Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas.

Orientadora: Prof^a. M.Sc. Carla Maria Dantas Oliveira.

CAMPINA GRANDE - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A553e Andrade, Carla Elizabeth Santos de
O espaço geográfico paraibano através de escritores clássicos regionais [manuscrito] : uma ferramenta pedagógica / Carla Elizabeth Santos De Andrade. - 2014.
37 p.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2014.

"Orientação: Profa. Ma.Carla Maria Dantas Oliveira, História".

1.Geografia 2.Literatura 3.Interdisciplinaridade I. Título.

21. ed. CDD 371.3

CARLA ELIZABETH SANTOS DE ANDRADE

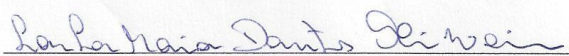
O ESPAÇO GEOGRÁFICO PARAIBANO ATRAVÉS DE ESCRITORES CLÁSSICOS
REGIONAIS: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA

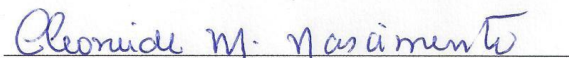
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Fundamentos da Educação.

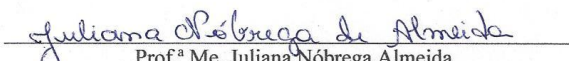
Área de concentração: Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas.

Aprovada em 06 de dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Me. Carla Maria Dantas Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Cleoneide M. Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Me. Juliana Nóbrega Almeida
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho aos meus pais (Maria de Lourdes e José Carlos de Andrade), aos meus irmãos (Cláudia, Cláudio e Cássia Andreza), e às minhas amigas (Andrea e Carla Gibson), contribuintes, participantes e incentivadoras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida e pela realização e término do meu curso e por sempre estar comigo e todos os lugares por onde ando.

Agradeço, aos meus pais, que me apoiaram em todos os sentidos nas minhas escolhas durante meu trajeto nesta Faculdade e por serem estas pessoas maravilhosas que me fizeram o ser humano que sou hoje.

Agradeço aos meus irmãos que dividiram comigo esta experiência da Especialização, sempre prontos a me ouvir e me orientar.

Agradeço aos meus demais familiares tios, primos, pois todos eles acompanharam minha trajetória e depositaram toda a confiança em mim e em meus estudos.

Agradeço também, as minhas amigas, que sempre com paciência e atenção, ouviram meus lamentos, minhas alegrias, minhas surpresas e minhas vitórias, torcendo pelo meu sucesso.

Agradeço a toda equipe da Instituição e os colegas onde trabalho principalmente Ingedy Albuquerque e Chrys Sobral que sempre estiveram abertas a me fornecer material de pesquisa, dando sugestões para o bom desempenho do trabalho.

Não posso esquecer-me de agradecer a todos os funcionários e professores desta entidade de ensino, que viabilizaram a realização deste curso, uma fase muito importante da minha vida.

Obrigada por tudo!

“Aprenda como se você fosse viver para sempre.
Viva como se você fosse morrer amanhã”.
Mahatma Gandhi

RESUMO

O diálogo entre o ensino da Geografia e a Literatura potencializa a construção do conhecimento no tocante as práticas didáticas, uma vez que, a união desses elementos viabiliza a compreensão dos indivíduos e significa, ainda, ir além de explicações dicotômicas, mas também buscar significado possibilitando a compreensão dos múltiplos aspectos da vida cotidiana, bem como, características representadas materialmente e imaterialmente pelas relações físicas, culturais, sociais, políticas e econômicas. Objetivou-se com este trabalho fazer uma leitura da obra de três clássicos paraibanos José Lins do Rego (Zona da Mata Paraibana) - Menino de Engenho, Banguê, Usina e Fogo Morto; José Américo de Almeida (Brejo e Sertão Paraibano) - A bagaceira e, Ariano Suassuna (Sertão Paraibano) - O Auto da Compadecida, através das abordagens de cunho geográfico, a fim de aprofundar o estudo da relação entre a Geografia e a Literatura para um maior conhecimento das regiões paraibanas destacadas nas obras. Foi realizada uma revisão bibliográfica pertinente ao tema do estudo, em busca da compreensão de diferentes pontos de vista da percepção da paisagem e as visões da natureza nos ambientes naturais e culturais paraibanos, a partir da experiência dos personagens envolvidos nas obras. Tais atributos fazem destas, fontes de pesquisa para diferentes áreas das ciências humanas, ressaltando-se seu caráter interdisciplinar. A relação entre os elementos historiográficos e principalmente geográficos das literaturas propostas possibilitaram uma ampliação da compreensão crítica nas atividades escolares, dando sentido ao científico e aprimorando o didático. O ensino da geografia, por meio das análises literárias, promove ainda a ampliação das relações significativas e simbólicas com o cotidiano do aluno. Para além do imaginário literário a necessidade de processar a realidade pelo movimento dialético do sujeito com o mundo e com a obra literária. Conclui-se, portanto, que é possível construir um cabedal teórico que permita a ampliação das questões didáticas e pedagógicas para o ensino de Geografia.

Palavras-chave: Geografia 1. Literatura 2. Interdisciplinaridade 3.

ABSTRACT

The dialogue between Geography teaching and Literature enhances the construction of knowledge regarding the teaching practices, once that the union of these elements enables the understanding of individuals and means also go beyond dichotomous explanations, but also seeks meaning enabling the understanding of many aspects of everyday life, as well as, and represented features materially and immaterially by physical, cultural, social, political and economic relations. The objective of this work was to make a reading of three classic works from Paraíba, José Lins do Rego (Forest Zone Paraibana – Zona da Mata Paraibana) – Plantation Boy (Menino de Engenho), Banguê, Plant (Usina) and Dead Fire (Fogo Morto) – José Américo de Almeida (Heath and Hinterland Paraibano – Brejo e Sertão Paraibano) – A Bagaceira and Ariano Suassuna (Hinterland Paraibano – Sertão Paraibano) - O Auto da Compadecida through the geographical nature of approaches, in order to deepen the study of the relationship between geography and literature for greater knowledge of Paraíba regions highlighted in the works. It was performed a relevant literature review on study theme, in search of the understanding of different points of view of the perception of landscape and views of nature in natural and cultural environments of Paraíba, from the experience of the characters involved in the works. Such attributes make these, research sources to different areas of the humanities, emphasizing its interdisciplinary character. The relation between historiographical elements and especially the geographic literature proposals make possible an expansion of critical understanding in school activities, giving meaning to scientific and improving teaching. The teaching of Geography, through literary analysis, also promotes the expansion of significant and symbolic relationships with the everyday student. In addition to the literary imagination the need to process the reality by dialectical movement of the subject with the world and the literary work. It follows, therefore, that it is possible to construct theoretical leather that allows the expansion of educational and pedagogical issues in the teaching of Geography.

Keywords: 1. Geography. 2. Literature. 3. Interdisciplinary.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	A ZONA DA MATA PARAIBANA REPRESENTADA NAS OBRAS, MENINO DE ENGENHO, BANGUÊ, USINA, E FOGO MORTO DE JOSÉ LINS DO REGO.....	12
3	O BREJO E SERTÃO PARAIBANO REPRESENTADOS NA OBRA A BAGACEIRA DE JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA.....	20
3.1	A bagaceira como repetição de os sertões.....	23
4	O SERTÃO PARAIBANO REPRESENTADO PELA OBRA O AUTO DA COMPADECIDA DE ARIANO SUASSUNA.....	27
5	CONCLUSÃO.....	33
	REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

O campo da Geografia humana tem concentrado seu estudo nos processos e padrões que moldam a interação dos indivíduos com o ambiente, reverenciando as causas e consequências da atividade social e sua distribuição espacial na superfície terrestre, buscando diálogo com outras formas de saberes das ciências humanas e neste processo, nosso trabalho propõe um olhar interdisciplinar entre a geografia e a literatura no campo científico, buscando questões que nos coloquem em constante contato com novas realidades e outras percepções.

De acordo com PCN's (1999, p.39/40) a Geografia em si necessita de um saber interdisciplinar, pois abandonou a posição de se constituir como uma ciência de síntese, ou seja, capaz de explicar o mundo sozinha, por isso a necessidade de buscar relacionar-se com outras ciências, transcendendo seus limites conceituais sem, no entanto, perder sua identidade e especificidade. Na sua busca por pensar o espaço enquanto totalidade, de estabelecer uma unidade na diversidade e de abrir outras possibilidades mediante a visão de conjunto a Ciência Geográfica pode ajudar a romper a fragmentação factual e descontextualizada estando direta e indiretamente envolvida em todas as áreas de conhecimento.

A interdisciplinaridade é uma forma de procurar romper não apenas com o paradigma positivista da produção e aquisição do conhecimento, mais também na medida em que busca promover o diálogo entre as disciplinas científicas. Neste sentido, Antônio J. Severino ressalta que a questão do interdisciplinar suscita o problema das relações entre unidade e multiplicidade. O autor afirma que é necessário assumir as duas perspectivas, vencendo o dogmatismo da ciência positivista em direção à interdisciplinaridade, necessária para acessar os múltiplos aspectos da realidade, aos quais o cientista lança múltiplos olhares (SEVERINO, 2000).

O diálogo entre a Geografia e a Literatura não se esgota na imagética do espaço humano e/ou natural nem nos contextos e referências literárias urbanos ou rurais, regionais ou nacionais, naturais ou artificiais. Ele existe também através de princípios estéticos, políticos e sociais que se referem e lembram a terra, o lugar e o espaço.

Para alcançar com êxito a interdisciplinaridade, Severino (2000, p.166) afirma que a necessidade de usar a antropologia (nesse caso o enfoque é para as relações históricas do lugar representado na obra) como ferramenta, sob o qual “[...] o homem se constitui como um ser de relações: ele se relaciona com a natureza, com os outros homens e consigo mesmo”. Desta forma, para abarcar o ápice destas relações, bem como a natureza dos diferentes fenômenos

estudados, a prática interdisciplinar do saber é fundamental, não apenas por conectar conhecimentos até então totalmente dissociados, como também por revelar “[...] a face subjetiva da coletividade política dos sujeitos” (SEVERINO, 2000, p.172).

A disciplina se libera do peso que a oprimia. Ela fala do frescor do orvalho, da pureza de certos céus, do cheiro das fogueiras com lenha ou de esterco do qual é impossível escapar quando se percorre a planície do Ganges em dias ensolarados, no inverno. Ela faz descobrir o encantamento das paisagens da estação fria nos vales do norte de Hondo, onde as nevascas acontecem em um ambiente tão calmo que cada objeto, o selim de uma bicicleta, uma pedra no leito de uma torrente ficam cobertos de um chapéu branco totalmente redondo e de aparência surrealista (CLAVAL, 2002, p.26).

A Geografia tem buscado integrar-se numa abordagem e inovações que são concomitantes com o enfoque cultural humanísticos; e essas renovações humanísticas são advindas desde a década de 1970, portanto tem um caráter moderno, assim como apresentam as contribuições de Yi-Fu Tuan (TUAN, 1980[1974]; 1983[1977]).

No Brasil estes estudos têm aumentado bastante nos últimos anos, a maioria deles tem em relevo os romances regionalistas brasileiros que dão ênfase a situações (cenários) rurais, sendo muitas vezes anteriores à modernidade urbana. Embora existam trabalhos que discorram a cidade, eles são poucos entre os geógrafos brasileiros.

Acredita-se que um estudo que utilize obras literárias que represente o cenário rural e o viver urbano poderá, também, enriquecer os estudos sobre a cidade e o olhar sobre o campo num entrelaçamento de ideias que serão provocadas a partir das obras propostas neste trabalho. Também pode haver uma contribuição com o desenvolvimento da própria linha de investigação sobre Geografia e Literatura, aumentando o leque de possibilidades na compreensão do mundo e de estudos interdisciplinares.

Na esteira deste raciocínio, objetiva-se, com esse trabalho, pensar a relação do espaço geográfico paraibano com os literários clássicos, refletindo sobre a interação pedagógica através da análise das práticas de Geografia desenvolvidas, confrontando as mesmas com reflexões teóricas, “a fim de fortalecer e transformar essa experiência em conhecimento. Esse pensar na geografia escolar pode auxiliar os alunos na leitura do mundo de forma plural, contraditória e dinâmica. Plural porque se refere a várias possibilidades, não a uma única, exclusiva; contraditória, pois envolve diferentes posições; dinâmica por indicar movimentos, atividades e mudanças” (THEVES, 2009.p,03).

Os autores escolhidos para esta leitura foram José Lins do Rego, abordando a Zona da Mata Paraibana; José Américo de Almeida com A bagaceira ressaltando o Brejo e Sertão paraibano; Ariano Suassuna com O Auto da Compadecida enfatizando o Sertão. Esses

Escritores paraibanos descrevem com excelência o espaço regional; suas obras se constituem um libelo social sobre as grandezas e as misérias da Zona da Mata, Brejo e Sertão, verdadeiro tombamento sociológico dessas Mesorregiões sendo o Brejo uma microrregião, com seus mitos, costumes e credices que marcaram profundamente a literatura brasileira.

Almejou-se com o presente trabalho fazer uma leitura da obra dos três clássicos paraibanos José Lins do Rego, José Américo de Almeida e Ariano Suassuna através das abordagens de cunho geográfico que possuíam maior ênfase na obra. Este procedimento permitiu além de aprofundar o estudo da relação entre Geografia e Literatura para um maior conhecimento das regiões paraibanas destacadas, compreender os diferentes pontos de vista da percepção da paisagem e as visões da natureza nos ambientes naturais e culturais paraibanos, partindo da experiência dos personagens envolvidos nas obras. Mais do que isso, os autores em suas obras conduzem múltiplos lugares e paisagens construídas e imaginadas, sem esquecer-se dos problemas sociais envolvidos na produção do espaço urbano e os problemas ambientais decorrentes da modernização/industrialização.

Nessa perspectiva, objetivou-se com este trabalho contribuir para a construção de uma visão cada vez mais humanista da Geografia na prática escolar do ensino da Geografia, que não hesita em dialogar com outras formas de saberes, principalmente com a Literatura, permitindo uma prática interdisciplinar necessária para ampliar os conhecimentos dos orientandos para uma realidade do mundo, suas paisagens, cidades, lugares, ambientes e pessoas.

2 A ZONA DA MATA PARAIBANA REPRESENTADA NAS OBRAS, MENINO DE ENGENHO, BANGUÊ, USINA, E FOGO MORTO DE JOSÉ LINS DO REGO.

O diálogo entre o ensino da Geografia e a Literatura potencializa a construção do conhecimento no tocante as práticas didáticas, uma vez que, a união desses elementos viabiliza a compreensão dos indivíduos e significa, ainda, ir além de explicações dicotômicas - essência e aparência – mas também buscar significado e, portanto, possibilitar a compreensão dos múltiplos aspectos da vida cotidiana proseguida pelos autores e os aspectos representados materialmente e imaterialmente pelas relações físicas, culturais, sociais, políticas e econômicas.

A Geografia, para além da narrativa espacial, tem sua responsabilidade iniciada no processo de formação da humanidade por meio da Geografia Escolar; em outras palavras, ensinar Geografia significa segundo Callai (2010, p.16): “[...] desenvolver modos de pensar que envolvam a dimensão espacial”.

Nesse caso o papel da Geografia objetiva-se em colaborar com a formação da humanidade dimensionando aos sujeitos valores éticos e solidários através da interiorização de suas práticas e das suas responsabilidades como indivíduos críticos e transformadores do seu espaço material e intelectual. Para isso é fundamental desenvolver metodologias capazes de fomentarem o conhecimento geográfico de modo que o saber espacial seja compreendido a partir do seu cotidiano e de suas múltiplas experiências, tornando-se fundamental no desenvolvimento de metodologias que possibilitem diferentes linguagens na construção do saber.

A literatura na formação pedagógica Geográfica é de grande importância e relevância, uma vez que permite a compreensão da espacialidade como totalidade a partir do entendimento dos valores sociais e da instrumentalização crítica à organização social, política, econômica e cultural. SILVA e BARBOSA (2013, p.07).

As narrativas literárias aqui propostas revelam dilemas e questões do espaço paraibano embutido em si não apenas como um registro genético do lugar enquanto características físicas, sociais e discursivas, mas também os literatos comungam com ideologias e concepções do “lugar”, manifestando e expressando, com base nelas, descrições e/ou julgamentos, tácitos ou explícitos, da realidade sobre a qual estão assentados; assim, a própria percepção da realidade assume um papel significativo para compreensão e interpretação dos enredos, personagens e ambientes literários.

O objetivo dos professores compromissados com o ensino é fazer escolhas ou opções que elevem os alunos a patamares superiores do ponto de vista da abstração e da consciência sobre a importância do conhecimento do espaço geográfico para sua vida como ser humano e como cidadão participante deste mundo complexo (PONTUSCHKA, 2009, p.7e 77).

As proposições dos pensadores clássicos literários paraibanos dialogam com as obras didáticas trabalhadas na atualidade e proporcionam um olhar sociogênico regional a partir da participação consciente das porções territoriais de sertão, litoral e brejo descritos em seus conteúdos humanos e fisiográficos. Avaliada e diagnosticada, a paisagem “paraibanística” tornou-se, pois, um grande acervo abarrotado de orientações e inclusões dos elementos existentes nessas porções, sob a ótica de expor características positivas e negativas do lugar.

As primeiras décadas do século XX foram dedicadas à reflexão sobre a identidade nacional. Com o início do processo de mudança do modelo econômico, do agrário-exportador para o industrial, intelectuais de diferentes áreas e com posturas teóricas e políticas distintas produziram obras sobre a formação do Brasil – sua sociedade, sua economia, sua política e sua cultura. É nesse contexto que surge José Lins do Rego. Quando menino passou a infância no Engenho Corredor (literariamente O Engenho Santa Rosa) pertencente à sua família, na zona da mata paraibana, o que lhe proporcionou doces lembranças sobre essa época e amargas recordações sobre a decadência da sociedade açucareira. (MENDES, S.d., p.01).

O açúcar que adoçou a riqueza de famílias tradicionais nordestinas, também gerou realidades de exclusão social por meio da concentração da posse da terra, da dificuldade do acesso à cultura e à produção econômica. Essas contradições permeiam toda a história brasileira e são temas importantes para a discussão em sala de aula, pois a necessidade de transformar esses paradigmas é cada vez mais urgente. (MENDES, S.d., p.01)

Tendo como suporte as obras literárias de Rego como: *Menino de Engenho*, *Banguê*, *Usina e fogo morto*, que interagem com uma rica passagem dos canaviais paraibanos do fim do século XIX e início do século XX, carregadas de um profundo lirismo, de uma linguagem eivada de vocabulários regionais, de uma narrativa com forte inspiração na Literatura de Cordel, descrevem com propriedade a sociedade patriarcal e a transição dos já obsoletos engenhos de cana-de-açúcar para as poderosas usinas;

Na obra *Menino de Engenho*, Rego retrata as tensões sociais envolvidas em um ambiente de tristeza e decadência. É o primeiro livro do ciclo da cana-de-açúcar. Publicado em 1932, *Menino do Engenho* é a estreia em romancista e já traz valores que descrevem com singularidade as características do recorte paraibano sob uma visão sociocultural, pois no século XX virou moda uma produção que se preocupava em apresentar a realidade nordestina

e os seus problemas, numa linguagem nova, introduzida pelos participantes da Semana de Arte Moderna de 1922. Rego seria o melhor representante dessa vertente, se certas qualidades suas não atenuassem fortemente o tom crítico esperado na época.

Através da obra, o autor descreve com emoção a vida dos ex-escravos, a casa-grande, o sofrimento e os castigos do tronco: “A senzala do Santa Rosa não desaparecera com a abolição. Ela continuava pregada à casa grande, com suas negras parindo, as boas amas-de-leite e os bons cabra do eito e as boas cabras do cifo.”(REGO,1932/2001,p. 194)

Ainda na obra uma cena a ser destacada é a cheia do rio Paraíba que chegou devastando, matando gente e animais, destruindo plantações e casas. A gente do engenho refugia-se na casa do velho Amâncio (personagem do romance), fugido da fúria das águas. A enchente tinha sido arrasadora e as águas chegaram a penetrar na casa grande (lugar de inspiração da obra). Os prejuízos eram enormes nos canaviais. Também vêm à tona as superstições e credices comuns entre as camadas populares, como a do “lobisomem”.

O romance tem como cenário as regiões limítrofes entre Pernambuco e Paraíba, o que pode ser deduzido pelas descrições da paisagem e da vida dos engenhos de açúcar, cenário este que esta se relacionando direta e indiretamente aos personagens representados pelos bandidos e cangaceiros, comuns na região, que são mostrados como única forma de reação social de um povo oprimido, pelo cotidiano do povo negro e os senhores de engenho.

Depois mandaram-me para a aula de outro professor, com outros meninos, todos de gente pobre. Havia para mim um regime de exceção. Não ralhavam comigo. Existia um copo separado para eu beber água, e um tamborete de palhinha para «o neto do coronel Zé Paulino». Os outros meninos sentavam-se em caixotes de gás. Lia-se a lição em voz alta. A tabuada era cantada em coro, com os pés balançando, num ritmo que ainda hoje tenho nos ouvidos. Nas sabatinas nunca levei uma palmatoada, mas quando acertava mandavam-me que desse nos meus competidores. Eu sentia-me bem com todo esse regime de miséria. Os meninos não me tinham raiva. Muitos deles eram de moradores do engenho. Parece que ainda os vejo, com seus bauzinhos de folha, voltando a pé para casa, a olharem para mim, de bolsa a tiracolo, na garupa do cavalo branco que me levava e trazia da escola (REGO, 1932/2001, p.47).

O contributo da obra Menino de Engenho é negável para que aspectos geográficos sejam observados de forma didática:

- 1) As diversas camadas sociais que povoavam o universo dos engenhos açucareiros: negros, mulatos, brancos, pobres do século XX;
- 2) A decadência do patriarcalismo, dos Srs. De Engenho, do Coronelismo, o advento do cangaço;
- 3) A primeira Revolução Industrial do Nordeste, rural e canavieira, com o advento

- das Usinas (movidas e eletricidade) e a derrocada dos engenhos (à lenha);
- 4) A produção do açúcar cristal que encantou a Europa e enriqueceu usineiros;
 - 5) As cheias do mais importante rio da Paraíba (o Rio Paraíba), sua poluição e importância para a economia açucareira regional;
 - 6) Enfim, traços sociais, políticos e econômicos sobejam e se sobressaltam de suas páginas fornecendo rico material de exploração didático-pedagógica e para pesquisas e estudos.

BANGUÊ (referência aos mais antigos engenhos), romance escrito em 1934, o terceiro de uma trilogia que se inicia com *Menino de Engenho* passando por *Doidinho*, toda carregada de características regionalistas que muito contribuem com ensino da geografia paraibana ao descreverem o ambiente rural através do personagem principal, Carlos de Melo que tem muita dificuldade de se adaptar ao contexto interiorano. É possível atestar na obra o final do grande império dos coronéis da cana de açúcar. A história acontece no momento de inflexão do setor, quando os grandes feudos dos coronéis começavam a dar lugar à estrutura capitalista das grandes usinas. Entretanto, ainda é possível perceber o grande poder que esses senhores possuíam em suas terras, sendo praticamente os poderes executivo, legislativos e judiciários.

Os pobres, por falta de opção, tinham que trabalhar nas grandes lavouras de cana a troco de um salário de fome. Sua realidade era horrenda, conforme o Dr. Carlos percebe em diversos momentos, mas nunca tem a força necessária para agir contra ela e provocar uma mudança social em suas terras. **Banguê** também retrata o preconceito racial que a aristocracia canavieira guardava, além do papel secundário que as mulheres possuíam nesta sociedade. A história termina mostrando como apesar de haver uma mudança do eixo de poder, não há uma mudança social, com os ricos se mantendo ricos e os pobres mantendo-se na penúria.

Fogo Morto de José Lins do Rego é um documento sociológico que retrata o Nordeste e a oligarquia composta pelos senhores de engenho ameaçada com a chegada do capital proveniente da industrialização. São engenhos de “fogo morto” onde decaí o patriarcalismo com suas tragédias humanas. O romance é a expressão de uma cultura, pois retrata o mundo da casa grane e o da senzala com as consequências sociais daí advindas.

Desponta, assim, um regionalismo novo, diferente do regionalismo romântico, Esse tipo de prosa tem como projeto a consolidação da identidade nacional através da representação das angústias, comportamentos, costumes e valores de uma sociedade rural totalmente oposta aos padrões da corte. Os territórios nacionais narrados nos romances regionalistas eram idealizados e retratados com um tom heroico, a fim de formar uma imagem

grandiosa e valorizar os espaços brasileiros em relação aos moldes europeus, que ainda influenciam muito a região litoral (ATON, p.01, 2009)

O exotismo e o pitoresco não interessam mais. Surge agora um Brasil doente, com fome, escondido sob uma capa de “civilidade”. Surgem os problemas mais graves: o baixo nível de vida, o banditismo, a superstição, uma população dominada por uma classe minoritária é exatamente a linguagem popular da Paraíba, isolada de influências externas, conservada em sua autenticidade regional que o escritor utiliza. É a linguagem dos poetas populares, distribuída, agora, com um ritmo narrativo mais tradicional. O ritmo fraseológico remontando a mais antiga tradição dos contadores de histórias, que foram os únicos artistas populares do Nordeste.

Os romances do ciclo da cana-de-açúcar, uns mais, outros menos, são memorialistas, pois são resultados das vivências de Rego quando criança no Engenho do avô, coronel do latifundiário, nos romances transformados em um misto de ficção e autobiografia (memórias). Essas memórias enraízam-se também na linguagem dos cantadores nordestinos, uma vez que, acostumado a ouvir os repentistas e cantadores de feira-livre quando criança, transforma essas reminiscências em literatura; é dessa literatura oral que o romance de José Lins do Rego contém traços marcantes.

Apesar de sua estrutura sólida, convém destacar o caráter lúdico da composição que o autor entrelaça as ações das personagens em partes, revelando a decadência do Engenho Santa Fé e das famílias que lá moravam.

Além da Geografia, a obra de Rego contribui para exploração dos campos sociológicos, artísticos, históricos e está sobre total domínio da língua portuguesa. Investigar a sociedade açucareira sobre diversos aspectos, desde a sua formação no Brasil colonial, até sua herança cultural manifesta na atual sociedade.

A contribuição de Rego na Geografia também se encontram bastante intrínsecas na obra Usina, pois a literatura estava voltada para a realidade brasileira como forma de manifestar as recentes crises sociais e inquietações da implantação do Estado Novo do governo Vargas e da Primeira Guerra Mundial. Na obra do autor, a parte mais importante é a que corresponde ao chamado ciclo da cana-de-açúcar. Partindo de experiências autobiográficas – a vida no engenho do avô –, o escritor encontra na memória o fundamento de seus romances, nos quais fixa melancolicamente a decadência do engenho de açúcar, substituído como modo de produção pela usina. Participante ou pelo menos observador deste processo, o mesmo esforça-se para registrar a verdadeira revolução social desencadeada pela

nova tecnologia de produção açucareira que, em pouco tempo, levou um grande número de senhores de engenho a mais completa bancarrota econômica.

A usina teria força para esmagar o Santa Fé, se não fosse a outra, querendo embaraçar os passos da concorrente. (...) Era só agir, tomar-lhe as forças sem esforço e Marreira cairia como uma paca. (...). Então começou a usina a lambear o Santa Fé para comer. A cobra e o sapo medindo as suas forças. Mas o gigante encontrara um adversário coleante, que fugia, escondia-se, abria os dentes para sorrir. Marreira vencera o Dr. Carlinhos do Santa Rosa, arrancando do pobre uma fortuna pelas suas canas e nunca alterara a voz. Lutar com o compadre Dr. Carlos fora fácil. Era só deixar que o tempo corresse, que o tempo dava conta do inimigo. Com a Bom Jesus teria que experimentar outras armas (REGO, 2002, p.144).

Na obra o antigo engenho Santa Rosa se torna sede da usina devido às suas condições naturais, segundo a narrativa. A ideia seguida com persistência pela narrativa de Usina é a comparação entre o antigo sistema econômico, representado pelo engenho e o trabalho escravo, e o novo sistema representado pela usina e o trabalho livre assalariado, mas sempre reafirmando a superioridade do primeiro. “Aquilo que José Paulino levava 80 anos juntando, o seu filho ganhava numa safra” (REGO, 1973, p. 70). O narrador deixa claro que a usina busca agora o *lucro* acima de tudo, muito natural já que as usinas começariam a possuir um papel econômico importante na economia do país.

Aproveitando a rica explanação de Rego a respeito dos engenhos estarem se transformando em usinas e avançando no tempo podemos fazer um paralelo com a crise do petróleo que aconteceu por volta de 1973, por causa do apoio norte-americano aos israelenses na Guerra do Yom Kippur – e a segunda crise em 1979 – consequência da Revolução Iraniana – trazem tristes lembranças aos países importadores desse produto. No Brasil, as consequências daquelas crises foram a espiral inflacionária e o aumento da dívida externa a níveis estratosféricos.

Para bancos centrais como o brasileiro, fica a difícil escolha de combater a inflação com o aperto da política monetária ou pelo estímulo da atividade econômica de acordo com o Blog “Sensor Econômico Brasil” (CARDOSO, 2004).

O Brasil protege-se do vai e vem dos preços internacionais pondo em atividade novas refinarias tendo à frente os biocombustíveis, dos quais o Brasil é líder e cujo projeto ganhou força justamente por causa da crise de 1973.

Talvez, para o Brasil, esta seja uma oportunidade para promover o etanol brasileiro. Da mesma forma que na década de setenta o país desenvolveu seu programa alternativo de combustível em um período de crise do petróleo, agora pode ser a oportunidade de intensificar a promoção do nosso etanol como alternativa brasileira a um provável aumento no preço do petróleo no mercado mundial (Artigo publicado pelo Global Voices em 20 de julho de 2011).

É possível, a partir de a obra *Usina*, explorar o momento de transição dos engenhos para usina. Observa-se, também, que a racionalidade que a ordem burguesa exigia era um grande problema na perspectiva do narrador, uma vez que, a mudança é percebida pela narrativa do ponto de vista moral e emocional, não como uma contingência histórico-econômica. Apesar das transformações, podemos identificar que as relações de trabalho na usina continuaram permeadas por traços patriarcais.

No contexto dessa abordagem literária a sua interpretação torna-se, para o geógrafo humanístico, objeto de investigação, pois revela e informa sobre a condição humana: os estilos de vida, as características socioculturais, econômicas e históricas e os diferentes meios físicos da área retratada. Nessa acepção, reconhece-se a obra literária como documento de certa realidade, por situar coletividades ou indivíduos da região paraibana denominada de Zona da Mata. Com suas criações o escritor reflete uma visão de vida, de espaço, de homem e do lugar de uma da sociedade canavieira. Assim posto, as obras literárias revelam-se fontes para a compreensão da experiência humana (WANDERLEY, 1998, p. 43).

Rego esforça-se para registrar a verdadeira revolução social desencadeada pela nova tecnologia de produção açucareira que, em pouco tempo, levou um grande número de senhores de engenho o mais completo declínio econômico. O ciclo apresenta, portanto, o processo de decadência dos engenhos da zona da mata nordestina, que perdem seu poder e são engolidos pelas forças emergentes da usina e do capitalismo moderno.

O autor revela traços com riquezas líricas. Tais características expõem o arcabouço da corrente Humanística e demonstram o vasto campo de temáticas, caminhos, pressupostos e tendências que os geógrafos dessa perspectiva podem percorrer enveredar ou recorrer. Devido ao leque de modelos adotados, ao amplo campo de investigação decorrem, na perspectiva humanística, resultados variados e diversificados.

Para Mello (1990) a Geografia Humanística tem a experiência vivida como fundamento e o seu objetivo é o de interpretar o sentimento e o entendimento dos seres humanos a respeito do espaço e do lugar. Em relação ao geógrafo ele assinala que “o geógrafo humanístico tem como tarefa interpretar a ambivalência e a ambiguidade e complexidade da consciência dos indivíduos e/ou grupos sociais a respeito do meio ambiente” (p.102).

Esse que andando planta os rebolos de cana nada é do Semeador que se sonetizou.

É o seu menos um gesto de amor que de comércio; e a cana, como a joga, não planta: joga fora.

Leva o eito o compasso, na limpa, contra o mato, bronco e alheadamente de quem faz e não entende. De quem não entendesse porque só é mato este; porque limpar do mato, não, da cana, limpá-lo.

Num cortador de cana o que se vê é a sanha de quem derruba um bosque: não o amor de quem colhe. Sanha fúria, inimiga, feroz, de quem mutila, de quem sem mais cuidado abre trilha no mato.

A gente funerária que cuida da finada nem veste seus despojos: ata-a em feixes de ossos.

E quando o enterro chega, coveiro sem maneiras tomba-a na tumba-moenda: tumba viva, que a prensa. (GULLAR, 1980, p.196)

Dessa maneira, há destaque, na perspectiva humanística, para a dimensão vivencial e o aspecto interpretativo, pois o lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas, por isso é o centro de valor e sentido para este tipo de abordagem, como se observa no poema **A Cana dos Outros** de Ferreira Gullar.

3 O BREJO E SERTÃO PARAIBANO REPRESENTADOS NA OBRA A BAGACEIRA DE JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

Procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1982, p. 143).

As obras literárias, especialmente o romance *A Bagaceira*, possibilitam ao leitor conhecer e revisitar lugares, porque é de uma realidade concreta que o escritor retira elementos necessários à construção do universo ficcional num processo de recriação da vida, no qual se evidencia a relação entre espaço e literatura.

Na obra de Almeida, é possível identificar um trabalho adequado com a realidade popular, “a representação de um espaço longínquo e a existência de povos e de histórias peculiares ao referido espaço. A análise criteriosa da produção paraibana parece comprovar a fragilidade do conceito de “universalismo”, continuamente utilizado nos estudos para diminuir o valor da narrativa de Almeida, demonstra que questões em torno da identidade, da expressão linguística e da representação espaciais, tão caras as ditas obras universais, são elementos presentes em representações inegavelmente ligadas ao regionalismo “(LIMA, 2011, p.01).

Possibilitar o uso da obra *A bagaceira* de Almeida, significa colaborar com a posição dialógica no ensino de Geografia, que por sua vez favorece a ampliação da compreensão da realidade por diferentes linguagens. A importância disto está na movimentação teórico-conceitual da relação dialética entre campos distintos que o romance proporciona, de conhecimentos aplicados simultaneamente na elaboração metodológica para contribuir com ensino. Para Silva e Barbosa, é também possível identificar dois elementos importantes para pensarmos a relação Geografia e Literatura: imaginação e sensibilidade, uma vez que a interdisciplinaridade Geografia/Literatura promove o logos ao mesmo tempo em que estimula a imaginação e provoca nos alunos o entendimento estético, portanto, oportuniza-se a elaboração de uma estética geográfica.

A narrativa almeidiana é entendida pela crítica como pertencente a uma linhagem literária regional que, ao ser diametralmente oposta às produções ambientalizadas nas cidades, centraria suas preocupações na retratação do meio genuinamente brasileiro, colocando em segundo plano as renovações estéticas e/ou o subjetivismo. As interpretações dos críticos em relação ao romance trazem à baila um suposto distanciamento do livro em relação ao

Modernismo de 1922 e uma conseqüente aproximação do mesmo de uma “tradição de fidelidade a terra” (STEGAGNO-PICCHIO, 1997, p. 524).

Os estudiosos veem em *A bagaceira* a existência de uma reprodução objetiva do meio social, verificam a divisão maniqueísta de personagens sem humanidade, entendem haver uma “linguagem direta do livro” (CANDIDO e CASTELLO, 1977, p.227), um “realismo primário” (LIMA, 1986, p. 339), cuja atitude reivindicatória se apresentaria no nível dos significados (BOSI, 2002, p. 395).

A bagaceira, além de um romance literário, é, sobretudo, um registro social e cultural brasileiro e, especialmente, do Nordeste. A obra paraibana coloca em xeque a constituição estética da literatura ligada à representação nacional.

Talvez seja possível começar a abordagem pelo mais corriqueiro dos entendimentos a respeito de *A bagaceira*, ou seja, sua concepção como romance da seca. Uma leitura superficial da obra parece firmar esta colocação tão comum dentre a crítica, porém a atenção à estrutura do romance logo a desabona. Minimamente ambientada no sertão e com apenas um grupo de personagens sertanejas, a narrativa de José Américo de Almeida possui como ambiente principal a região brejeira da Paraíba, uma vez que o termo “bagaceira”, dicionarizado como o “espaço onde nos engenhos se amontoa o bagaço de cana” (FERREIRA, 2001, p. 82).

Almeida (1967), “opõe-se, em sua obra, à velha compreensão incondicional do estereótipo de origem romântica.” A tendência era verificar no Nordeste a região semiárida, distante do litoral, distante das povoações citadinas, habitada por pessoas sofredoras, fortes e repletas de tradições. Em que pese o fato da produção de Almeida (1967) demonstrar o apego do grupo de personagens sertanejas às tradições de sua região, no romance está destacado, principalmente, o sofrimento humano diante da estrutura social arcaica dos engenhos “(LIMA, 2011, p.02).

Para Santos (2007), o espaço é entendido como uma “acumulação desigual de tempos”; nela, inclui-se a dimensão histórica na medida em que se concentra no tempo presente, o local onde o “aqui” (espaço – Geografia) se encontra com o “agora” (tempo – História). É no presente onde a Geografia e a Literatura cooperam no sentido de suscitar uma consciência crítica voltada à condição humana de estar no mundo.

Santos (2007) enfatiza a qualidade geográfica do tempo presente; citando Morgenstern, diz que “o passado está morto, só o presente é real” (*Pensando o Espaço do Homem*, p. 14). Na literatura, o presente está em função da narrativa, os fatos narrados – portanto – tornam-se presentes à medida que o narrador prossegue contando a história. Eis

que aí a Geografia comparece como fator estrutural da narrativa e, ao mesmo tempo, revela a subjugação dos personagens à lógica do espaço.

Ao invés de centralizar sua atenção no fenômeno climático da região, A bagaceira, após o primeiro capítulo, no qual destaca a fome decorrente da seca, fixa os sertanejos no brejo, enfatizando, a partir de então, as relações (des) humanas entre os moradores do Marzagão e o senhor de engenho, colocando em destaque os desajustes humanos gerados por um ambiente opressor. Ao fazer este percurso, A obra contribui para a defesa de uma narrativa regionalista que entrelace o regional ao universal. Fugindo à denúncia da seca e/ou deixando de compor seu enredo a partir da relação dramática ou épica do homem sertanejo com clima árido, tal qual era peculiar à tradição literária do regionalismo brasileiro, desta forma reduz, de maneira quase a anular, as possibilidades de constituição de uma representação pitoresca, maniqueísta e inverossímil.

O fenômeno das secas no Brasil se dá por causas naturais, uma região que apresenta alta variabilidade climática, ocorrendo quando a chamada zona de convergência intertropical (ZCIT) não consegue se deslocar até a região Nordeste no período verão-outono no Hemisfério Sul, sobretudo nos períodos de El Niño. A ZCIT apresenta um movimento meridional sazonal, com uma posição média anual junto à latitude 5 graus Norte, em meados de Abril a ZCIT atinge 5 graus SUL responsável pelo período chuvoso no Centro-Norte do Maranhão, Piauí todo o Ceará, norte do Rio Grande do Norte e áreas isoladas do sertão da Paraíba e Pernambuco. Já na região leste do norte, onde não tem influência da ZCIT (Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia) a destruição da Zona da Mata tem contribuído para a elevação da temperatura regional.

Neste momento da obra A bagaceira se torna ainda mais complexa quando tratamos de um fenômeno muito comum na região nordeste: “A Indústria da Seca”. A seca não é somente um fenômeno ambiental com consequências negativas, como a realização de uma *Alea* (evento) natural sobre uma população vulnerável, mas um fenômeno de dimensões econômicas, sociais e políticas secularmente presente na vida da população do Nordeste brasileiro. Trata-se de um problema de distribuição dos recursos naturais, sobretudo da água. A seca permite uma medida do quanto à água e a terra encontram-se pouco disponíveis para a porção mais pobre da população rural nordestina. A região não é desértica, como se poderia pensar numa primeira abordagem, mas apresenta um clima semiárido.

3.1 A bagaceira como repetição de os sertões

Não se trata de negar que as obras compartilhem o tom de protesto ao descaso, à irresponsabilidade para com a população nordestina pobre. Comparando as obras mencionadas, fica perceptível o quanto Américo de Almeida atualiza a produção de Euclides da Cunha, dando a ela o mesmo tom crítico-social que assolava os escritos, por exemplo, de nossos mais exaltados pré-modernistas.

Em direção adversa àquela de José Américo de Almeida, Cunha comporta-se como um missionário do progresso, cujo desejo é, pela ação governamental, integrar o sertão à vida nacional e à modernidade do final do século XIX. Para tanto, o autor, opostamente a Almeida (1978), defende um plano de combate à seca pela construção de pequenos e numerosos açudes capazes de transformar o deserto em rica região agrícola, expõe, em seu livro, um minucioso estudo da região, recolhendo os elementos causadores da desordem climática.

Almeida (1978), por sua vez, não discute o descaso das autoridades em relação à seca nordestina, o autor apresenta literariamente uma região cuja natureza é marcada pela exuberância, servindo-lhe o sertão como parte de uma antítese capaz de tornar mais evidente a metaforização do brejo em “oásis” (ALMEIDA, 1978, p. 132) e o sofrimento social dos moradores do Marzagão, nesta região de natureza privilegiada.

Para Lima (2011), Américo de Almeida foge a uma visão positivista da história, não verifica na instalação do progresso técnico o meio pelo qual se pode impulsionar o desenvolvimento da região nordestina. A ascensão da usina no Marzagão não carrega a correspondência entre as conquistas técnicas e o fim da submissão popular.

O romance regionalista nascido com *A bagaceira* não se reduz a veículo sociológico de recuperação regionalista pitoresca, com pouca ou nenhuma qualidade estética. Indubitavelmente ele se dedica à crítica social e à exploração dos espaços longínquos do Brasil, porém não se trata, como no século XIX, de um retorno à pregação separatista do Nordeste. A crítica tem tendido a achar que alguns romancistas, especialmente Almeida, influenciados por Gilberto Freyre, nada mais fazem do que um retorno aos propósitos de superação da hegemonia sulina do século XIX.

[...] o campo estava aberto. O modernismo fora demolidor e desunira-se antes de realizar o tipo de literatura idealizado, menos intelectual e mais objetivamente brasileiro. Veio Macunaíma, de Mário de Andrade [...]. Chegou a minha vez. O Norte precisava estar presente” (ALMEIDA, 1967, p. 237-238).

Almeida (1999), demonstra uma preocupação estético-literária, cujo cerne se dá na elaboração de obras que saibam amalgamar com destreza a realidade brasileira com as questões universais. O título ilustrativo talvez possa mencionar o processo de animalização pelo qual passa os brejeiros no romance objeto deste trabalho. Opostamente ao ocorrido em romances centrados na exasperação climática do Nordeste, a animalização dos seres ficcionais não se compõe como refúgio do homem às mazelas naturais, como meio do ser humano sentir-se mais hábil e resistente à “vida áspera da caatinga”. “O autor apresenta ao mesmo tempo, uma forma indireta de denúncia das condições sub-humanas em que vegeta.” (ALMEIDA, 1999, p. 303).

A obra *A bagaceira* proporciona aos alunos diálogo interdisciplinar entre Geografia e Literatura. Fica a lição de que o processo de criação pode lançar mão de recursos de outras áreas como fatores de estruturação; ainda mais em se tratando de um aspecto de difícil trato poético (questões relativas a elementos sociais e institucionais, com toda a carga ideológica sistêmica peculiar a uma determinada conjuntura política – país e nação – mais facilmente abordada pelo discurso ficcional, isto é, narrativo). De acordo com Hillas (s.d.) o ficcionista é capaz, através do ordenamento específico do espaço, pelo narrador, de elaborar uma “dimensão subjetiva” a partir de dados estruturais e conjunturais da realidade concreta.

A obra carregada de uma linguagem de “tragédia” social representadas pelos personagens Xinane e de Dagoberto condiciona a formação de uma literatura preocupada com a vinculação do debate político-ideológico e com a igualdade humana entre os diferentes representantes das classes sociais.

-Patrão, eu não me sujeito. O patrão sabe que eu não enjeito parada: sou burro de carga. Mas, porém, nascer pra estrebaria não nasci.
Dagoberto não quis saber de mais nada:
- Pois, por ali, cabra safado! Você não nasceu pra estrebaria que é de cavalo de sela: nasceu foi pra cangalha!
Xinane continuou a coçar a cabeça, como se procurasse despertar uma ideia (ALMEIDA, 1978, p. 124).

Para Lima (2011), o propósito romântico de ver o Brasil, representado literariamente, em sua totalidade cultural e territorial, tanto Alencar (1992), como Almeida (1978), alicerçavam a afirmação da linguagem brasileira na comunhão com o conhecimento da realidade do Brasil, a linguagem dos oprimidos, em especial aqueles que viviam em estado de submissão arcaica no interior do país.

A obra apresenta riquíssimo vocabulário regional; o trecho apresenta tanto palavras comuns ao povo nordestino do século XIX, como provérbios populares.

Latomia, sempre brigão, alardeava:

- Eu estava canso de avisar. Mas o freguês tinha nó pelas costas, era cheio de nove-fora. Aí, dei de garra do quiri. O bruto entesou. Aguentou a primeira pilorada – lepo! – no alto da sinagoga. Arrochei-lhe outra chumbergada. Aí, ele negou o corpo, apragatou-se, ficou uma moqueca. E veio feito em riba de mim. Arta, danado! Caiu ciscando, ficou celé!... Foi pancada de morte e paixão. Vá comer terra! ... Fugiu na sombra e levou um tempão amocambado. (ALMEIDA, 1978, p. 160).

Desta forma a linguagem da obra se torna um excelente recurso didático, levando os alunos enveredar por expressões outrora usadas no recorte nordestino e que com a modernidade se transformaram ou ganham novas roupagens, cabendo ao profissional em educação proporcionar todo um cuidado e respeito ao popular, já que é explicável pelo ambiente do início de século. “As décadas de vinte e trinta são tempos áureos do debate de nossa dependência cultural e de nossa estratificação social. Resultantes do clima de excitação revolucionário que assolava diversos países a partir da ascensão comunista de 1917 e, no caso nordestino, oriundos, também, do estrondoso descontentamento daquela região para com sua situação de subalternidade econômica frente ao sul brasileiro, os temas socioeconômicos funcionarão como motes para o desenvolvimento de romances e, cada vez mais, irão impor o respeito à cultura popular, considerada como riqueza a ser preservada, ou ainda recuperada” (LIMA, 2011, p.06).

Dualidade estilística predominante entre os regionalistas, que escreviam como homens cultos nos momentos de discurso indireto; e procuravam nos momentos de discurso direto reproduzir não apenas o vocábulo e a sintaxe, mas o próprio aspecto fônico da linguagem do homem rústico. Uma espécie de estilo esquizofrênico, puxando o texto para os dois lados e mostrando em grau máximo o distanciamento em que se situava o homem da cidade, como se ele estivesse querendo marcar pela dualidade de discursos a diferença de natureza e de posição que o separava do objeto exótico que é seu personagem (CANDIDO, 1972, p. 807).

O autor revela uma linguagem do português popular não reservando desse modo uma norma culta da mesma forma que não elege como saída para a representação do homem rústico “a atitude bombástica e grandiloquente” (ALMEIDA, 1999, p. 177) do predomínio totalitário da vertente erudita da língua.

De acordo com Lima (2011), em *A bagaceira*, a linguagem apresenta-se em tonalidades fortes. As frases curtas e justapostas, também as elipses, ajudam na formação da atmosfera de tensão sobreposta a todo o livro. Um ambiente de conflito que se vê mais aviltado pelo poder das performances diferenciadas que o autor oferece aos grupos de personagens. O Marzagão não é apenas “o engenho onde decorre grande parte da narrativa” (ATHAYDE, 1978, p. 42), mas a verdadeira teia a envolver as personagens através de valores éticos, morais e socioeconômicos. Ninguém ali se manterá figurativamente. Desde Dagoberto

– o senhor de engenho - até à camada miserável dos brejeiros, todos aludirão ao reviver nordestino da escravidão.

Lima (2011), conclui sua análise sobre a obra *A Bagaceira*, relacionada à tradição realista de nossa literatura, ao regionalismo, ao momento turbulento de nossa história; recatada em relação ao experimentalismo linguístico dos primeiros anos modernista se escrita por um político de carreira, *A bagaceira* sofre um grande preconceito dos críticos. É quase exclusivamente avaliada como produção retrógrada, com excessiva cor local e demagógica, ignorando-se o quanto, a exemplo dos modernistas, o romance paraibano traz o afã de revisões temáticas e estilísticas das letras nacionais, preocupa-se em constituir uma literatura em que “a dor é universal, porque é uma expressão de humanidade” (ALMEIDA, 1978, p. 118).

É importante registrar que efetivamente conseguimos identificar o ponto de tangência entre Geografia e Literatura; nesta confluência de espaços que a literatura *A bagaceira* nos proporciona enquanto leitores e quando trazemos a obra para um instrumento didático mediador de conhecimentos na sala de aula, e que a mesma (a Ciência dos Espaços e das Localidades) contribua com seus recursos conceptuais na estruturação do discurso ficcional narrativo; é na retórica moderna do discurso poético, pelo processo de meditação lírica, processo pelo qual a racionalidade moderna se manifesta e que a Geografia contribui para a criação literária.

4 O SERTÃO PARAIBANO REPRESENTADO PELA OBRA O AUTO DA COMPADECIDA DE ARIANO SUASSUNA

[...] os seres humanos ostentam uma capacidade altamente desenvolvida para o comportamento simbólico. Uma linguagem abstrata de sinais e símbolos é privativa da espécie humana. Com ela, os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa. O meio ambiente artificial que construíram é um resultado dos processos mentais – de modo semelhante, mitos, fábulas, taxonomias e ciência. Todas essas realizações podem ser vistas como casulos que os seres humanos teceram para se sentirem confortáveis na natureza (YI-FU TUAN, 1980, p. 15).

Já Suassuna (1997), apresenta em sua obra teatral *O Auto da Compadecida* uma discussão/reflexão sobre o regionalismo, que pode ser utilizado para estudos geográficos e historiográficos sobre o Nordeste. Em forma de auto (gênero literário que trabalha com elementos cômicos e tem intenção moralizadora). É um drama apresentado em três atos. Contém elementos da literatura de cordel e está inserida no gênero de comédia, aproximando-se, nos traços, do barroco católico brasileiro. Trabalha com a linguagem oral onde está carregado de traços da linguagem corporal, política, econômica e cultural da região. A peça foi escrita em 1955 e encenada pela primeira vez em 1956. Anos mais tarde, foi adaptada para a televisão e para o cinema, em 1999 e 2000 respectivamente.

O autor Apresenta o “Nordeste” como uma invenção, uma construção imagético-discursiva, para isto nos fundamentamos em (ALBUQUERQUE Jr., 2006). A proposta de trabalhar coronelismo/Mandonismo, cuja temática foi mostrada no filme “O Auto da Compadecida”, evidencia a imagem dos coronéis da República Velha, como intocáveis, invioláveis. Nesse aspecto, o filme traz algo de novo, pois esse lugar é invadido, violado, burlado através das astúcias de João Grilo, que na obra tem a imagem da identidade do povo do sertão nordestino (pobre, sem estudo, esfomeado, mestiço, de uma inteligência, garra, determinação e alto-astral que impressiona) características, fatos e representações que só compreenderemos a partir de uma metodologia, reflexivo-analítica em que se observa o contexto em que foi escrita a obra, e as imagens e discursos presentes no trabalho.

JOÃO GRILO: “Pois vou vender a ela, para tomar lugar do cachorro, um gato maravilhoso, ele descome dinheiro” (p.38). “Então tiro. (Passa a mão no traseiro do gato e tira uma prata de cinco tostões). Esta aí, cinco tostões que o gato lhe dá de presente” (SUASSUNA, 1955, p.96).

Diante desta perspectiva, o presente trabalho busca através da arte de Suassuna referenciais teóricos com o intuito de realizar uma pesquisa na área de História do Pensamento Geográfico. Para isso, pretende dialogar a Geografia com a Literatura, partindo

do pressuposto de que existe um pensamento geográfico na obra de Ariano Suassuna – tendo como texto âncora Teatral “O Auto da Compadecida”. Em nossa avaliação, o diálogo entre a Arte e a Ciência possui um lugar central no atual cenário intelectual, onde as fronteiras das ciências estão em cheque e as interdisciplinaridades se multiplicam. Dessa forma, demonstrar como a ficção pode se tornar uma valiosa fonte para a realização de pesquisas no campo das ciências sociais no geral e da Geografia em particular.

A partir de Albuquerque Jr. (2006) trabalharemos a ‘história regional’ que participa da construção imagético-discursiva do espaço regional. Ele faz uso da região geográfica para fundar uma região do conhecimento no campo historiográfico, justificando-se como saber, pela necessidade de estabelecer uma história arqueológica desta identidade regional, afirmando a sua individualidade e homogeneidade.

A obra supracitada contribuiu de forma direta ou indireta com os fatores geohistoriográficos do coronelismo no nordeste, desta forma “O Auto da compadecida” é uma ferramenta de bastante valor para pesquisa acadêmica. “O escritor ao escrever uma obra, tem uma intenção, passa conhecimentos e saberes para o leitor, através de escolha dos discursos e das imagens, cada leitura evoca representações de mundo, o imaginário, trazendo-nos a possibilidade de ver algo que aparentemente está subjetivo” (ALBUQUERQUE, 2009, p.03).

A obra teatral apresenta a configuração de um tratado psicológico, fenomenológico e poético a respeito das imagens desencadeadas a partir dos diferentes espaços recorrentes na literatura: seca, Coronelismo, pobreza, tragédia, dentre outros. Pode ser visto a partir do enredo que, por meio do espaço, pode-se alcançar uma fenomenologia da imagem, ou seja, compreender a imagem em sua gênese e essência.

Para tanto, as perscrutações entre Geografia e Literatura abordam os conceitos-chave de espaço e lugar, uma vez que, apontam características morfoclimáticas (os domínios representam a interação e a integração do clima, relevo e vegetação que resultam na formação de uma paisagem passível de ser individualizada), levando também em consideração as perspectivas da experiência e da subjetividade da peça que trata de maneira leve e humorística o drama vivido pelo povo nordestino: acuado pela seca, atormentado pelo medo da fome e em constante luta contra a miséria. Traça o perfil dos sertanejos nordestinos que estão submetidos à opressão e subjugados por famílias de poderosos coronéis donos de terra. Nesse contexto, o personagem de João representa o povo oprimido que tenta sobreviver no sertão, utilizando a única arma do pobre: a inteligência.

JOÃO GRILO: Ele diz “à misericórdia”, porque sabe que, se fôssemos julgados pela justiça, toda a nação seria condenada (SUASSUNA, 1955, p.24).

Assim, Suassuna (1997), descreve no seu imaginário literário a identidade do sertanejo em conjunção com o texto geográfico, enquanto fonte de conhecimento do social e do econômico, com diferentes formas de percepção e leitura do real. Desta maneira, Cândido (1985, p. 5) ressalta que “o texto é uma espécie de fórmula, onde o autor combina consciente e inconscientemente elementos de vários tipos”.

O autor não pretende analisar essa realidade brasileira, mas a partir dela moralizar os homens, isto é, dinamizar nas suas consciências a noção do dever humano e da responsabilidade de cada um em relação a seus semelhantes e em relação a Deus, onisciente e onipresente, no entanto, fica claro a destreza do autor em tratar de elementos tão peculiares a sub-região nordestina “o sertão”, Ficado a patente o cunho de sátira moralizante da peça, que assume uma posição cujo foco está na base da pirâmide social, a melhor maneira de desvelar os discursos mentirosos das autoridades e integrar os homens e mulheres por meio da compaixão, a qual só os desprendidos podem desenvolver. Nesse aspecto, a moral que se desprende da peça é muito semelhante à do cristianismo primitivo, que se baseava no preceito “amai-vos uns aos outros”.

JOÃO GRILO: Esse era um cachorro inteligente. Antes de morrer, olhava para a torre da igreja toda vez que o sino batia. Nesses últimos tempos, já doente para morrer, botava uns olhos bem compridos para os lados daqui, latindo na maior tristeza. Até que meu patrão entendeu, coma a minha patroa, é claro, que ele queria ser abençoada e morrer como cristão. Mas nem assim ele sossegou. Foi preciso que o patrão promettesse que vinha encomendar a benção e que, no caso de ele morrer, teria um enterro em latim. Que em troca do enterro acrescentaria no testamento dele dez contos de réis para o padre e três para o sacristão (SUASSUNA, 1955.p.63-64).

Percebe-se que, menos do que essa realidade regional e cultural de um povo, o que importa é criar um projeto que defina ideias e concepções universais (as da Igreja, no caso) com o fim de conscientizar o público. Por esse motivo a realidade regional nordestina é, no caso, instrumento de uma ideia e não fim em si nessa.

É preciso ressaltar que a peça teatral foi escrita por volta de 1955, período de grandes secas que assolavam o interior do nordeste entre 1953/54, havendo pouca produção agrícola e escassez de água, desta forma eram poucas as saídas dos sertanejos a não ser a migração para outras regiões do Brasil, também é importante resaltar a instauração das Ligas Camponesas, que fora um movimento político de 1950, no estado de Pernambuco, com objetivos específicos de auxiliar os camponeses com despesas funerárias (evitando que os camponeses falecidos fossem despejados em covas de indigentes); fornecer assistência médica, jurídica e

educação aos camponeses; e formar uma cooperativa de crédito capaz de livrar, aos poucos, o camponês do domínio do latifundiário.

Desta forma, o período em que os imigrantes sonhavam com a reforma agrária, sem a opressão dos grandes latifundiários e o direito de plantar e colher. No pós-segunda guerra mundial destacavam-se o preconceito/racismo que dizimavam milhões de pessoas no mundo e a formação das ditaduras militares que o caso do Brasil com o Golpe Militar de 1964 o movimento é posto em cheque, silenciado, cujos integrantes receberam acusação infundadas de que eram comunistas, que se preparavam para uma revolução comunista.

Para Albuquerque (2006), existem duas realidades no “O Auto da Compadecida”: a do chão rachado, o sol escaldante características da Sub-região nordestina, o sertão, caracterizados pelas xerófilas (cactos, palmas, arbustos), típicos de uma região seco-árida, comungando com a extrema pobreza de raça mestiça e “ignorante”, questionada na obra pela sabedoria popular; como também mostra a imagem do coronel, na obra chamada de “Major Antônio Moraes”, que chega a cidade de Taperoá, cidade do interior da Paraíba, montado em seu cavalo. Seu casarão, todo de alvenaria, mostra as disparidades socioeconômicas da região, que estão presentes no discurso de Albuquerque Jr. (2006) em “A Invenção do Nordeste”, configurando um nordeste estereotipado.

Taperoá localiza-se na região conhecida como Polígono das Secas, que corresponde a quase todo o sertão nordestino e aos vales médio e inferior do rio São Francisco. Sofre a influência da Massa Tropical Atlântica (mTa) que, ao chegar à região, já se apresenta com pouca humidade. Caracteriza-se por elevadas temperaturas e chuvas escassas, irregulares e mal distribuídas durante o ano. Há períodos em que a Massa Equatorial Atlântica (mEa) chega no litoral norte da região Nordeste e atinge o sertão, causando chuvas intensas nos meses de fevereiro, março e abril (IBGE, 2010).

O clima do município está na área Geográfica de abrangência do semiárido brasileiro. Esta delimitação tem como critérios o índice pluviométrico, o índice de aridez e o risco de seca. Com máximas de 32°C e mínimas de 17°C. O período chuvoso começa em janeiro tendo maior intensidade em fevereiro e março. (INEP, 2014).

O bioma Caatinga é o principal ecossistema existente na Região Nordeste, estendendo-se pelo domínio de climas semiáridos. O termo Caatinga é originário do Tupi-Guarani e significa “Mata Branca”. É um bioma único, pois, apesar de estar localizado em área de clima semiárido, apresenta grande variedade de paisagens e relativa riqueza biológica. A ocorrência de secas estacionais e periódicas estabelece regimes intermitentes aos rios e deixa a vegetação sem folhas. A folhagem das plantas volta a brotar e fica verde nos curtos períodos de chuvas.

Os ecossistemas do bioma Caatinga encontram-se bastante alterados, com a substituição de espécies vegetais nativas por cultivos e pastagens (INEP, 2014).

A obra vislumbra as questões regionais de forma autêntica, ressaltando o homem do campo, rural, com crenças e credos. Apresenta o subdesenvolvimento e um nordeste sem possibilidades, sem jeito e sem fuga. Estas questões podem e devem ser tratadas com fervor nas aulas expositivas dialogadas do ensino da Geografia, uma vez que expõem de uma forma singular as condições sociopolíticas do nordeste e em especial o sertão da Paraíba, levando em consideração que mesmo sendo uma obra do século XX a situação ainda é recorrente na atualidade.

Desta forma pode possibilitar a noção crítico-social nos jovens educandos, e de certa forma mostrar que as condições climáticas de sua região nem sempre é um fator preponderante para a pobreza e a exclusão social e econômica, mas também se trata de um sistema político manipulador e sistematizado visando privilegiar uma pequena parcela da sociedade em detrimento a exploração dos menos favorecidos. Contudo, a obra de Suassuna traz elementos reais e se apresenta para o homem como uma forma de se reconhecer no mundo através de suas experiências, reportando-se, assim, aos lugares que auxiliaram e proporcionam os indivíduos (educandos) na constituição de sua identidade. De acordo com os geógrafos humanistas Eduardo Marandola Júnior e Lúcia Helena Batista Gratão:

Identificar elementos “reais” na descrição das paisagens e dos lugares. Quer estabelecer um entrelaçamento de saberes que se tecem também pelos fios de entendimento da espacialidade e da geograficidade, enquanto elementos indissociáveis de qualquer narrativa ou manifestação cultural (MARANDOLA JÚNIOR; GRATÃO, 2010, p. 9).

Retomando a obra de Suassuna (1955), uma das questões marcantes é o coronelismo muito presente não apenas nos elementos teatrológicos do “O Auto da Compadecida”, mas é uma questão histórica enraizada na cultura brasileira desde a República Velha (1889-1930), geralmente caracterizada pelo poder concentrado nas mãos do grande latifundiário, um fazendeiro ou senhor e engenho.

Para Albuquerque (2006), o coronelismo marcou a vida política e eleitoral do Brasil e contribuiu para a formação de clima próprio no tocante a cultura, música e literatura, que fez da sua figura um participante ativo do imaginário simbólico nacional. Albuquerque reforça seu discurso mostrando que o Coronelismo está presente nos feitos e façanhas dos documentos escritos, pelos discursos orais passados de geração em geração, é ainda possível encontrar o “personagem” identificado como Brasil do agrário, rústico e arcaico. O

coronelismo ainda sobrevive em alguns estados brasileiros re-significados como “mandão local”.

Na obra de Suassuna (1955), várias cenas corroboram para o discurso do coronelismo, assim afirma Albuquerque, pois para ele a representação do coronel é percebida com autoridade, com requintes de crueldade, uma pessoa orgulhosa... Um político que dá ordens, que humilha, que esta sobre a imagem e um ser imutável e inviolável, assim como era de vias e fatos na época de República velha no Brasil, uma figura de poder que não podia ser questionado consolidando o poder burocrático.

A estrutura teatral e os tipos vivos fazem desta obra um exemplo raro na dramaturgia brasileira. Vemos os tipos de personagens nordestinos, e vemos também o tipo bem brasileiro neles, que é o de "dar conta do recado" com o famoso "jeitinho" brasileiro. Aqui é possível verificar a forma de criação dos personagens segundo o autor: "Meus personagens ora são recriações de personagens populares e de folhetos de cordel, ora são familiares ou pessoas que conheci. No Auto da Compadecida, por exemplo, estão presentes o Palhaço e João Grilo. O Palhaço é inspirado no palhaço Gregório da minha infância em Taperoá. Já o João Grilo é o típico nordestino 'amarelo, que tenta sobreviver no sertão de forma imaginosa. Costumo dizer que a astúcia é a coragem do pobre. O nome dele é uma homenagem ao personagem de cordel e a um vendedor de jornal astucioso que eu conheci na década de 50 e que tinha este apelido." (SUASSUNA, 1955, p. 63-64).

5 CONCLUSÃO

Tendo em vista os argumentos apresentados anteriormente é relevante a relação entre a Geografia e a Literatura, pois permitiu uma série de superações como, ir além do que é determinado pelos materiais didático, dando espaço para o docente inserir a interdisciplinaridade na metodologia que há anos permanece estática e alienada e também desmistificar a subjetividade literária. Tudo isso colabora para a formação de alunos e profissionais da educação críticos e capazes de pensar, juntos, na possibilidade de construir outro mundo baseado em valores solidários acompanhados - é claro - da crítica à organização espacial nos variados aspectos materiais e imateriais existentes.

É a partir desta ótica que foi possível buscar subsídios nas obras literárias escritas por autores que captam, como ninguém, a identidade do seu povo, do seu espaço regional que está intrínseco nas obras Menino de Engenho, Banguê, Usina, Fogo Morto, A bagaceira e o Auto da Compadecida. A dissertação é uma breve recapitulação dos seus objetos para, em seguida, oferecer sugestões de novos caminhos que possam ampliar e complementar o aqui apresentado.

Os resultados obtidos demonstram que todos os objetivos específicos propostos, e consequentemente o geral, foram atingidos, posto que permitiram relacionar as obras literárias a geografia e a didática interdisciplinar gerando um novo foco, um outro pensar sobre o real e uma nova forma de olhar a arte escrita pelos clássicos paraibanos, reconhecendo-os como meio de compreensão e enriquecimento.

A literatura permitiu a flexibilização para que as coisas não possuam apenas um significado, pois tudo pode ser visto de inúmeras formas e ângulos. O escritor, assim, sente o que vê. Compreende-se, desta forma, melhor e mais nitidamente, a realidade e a condição humanas.

Buscar subsídios para ampliar o campo da geografia com a literatura proporciona a leitura e interpretação do espaço geográfico, enveredando por novas memórias e sonhos vividos. Assim, por mediação de caminhos diferenciados, a geografia, a literatura e as ciências humanas, em geral, constroem “verdades” e se propõem a viabilizar o “real”, além de revelar riqueza de informação, imprimindo, quase sempre, novas reflexões e o início de uma nova pesquisa ou uma nova história.

Experiência, percepção e interpretação tornam-se, desse modo, chaves para o conhecimento em torno das Meso e Microrregiões (1987/1991) Paraibanas, assim como foi

intituladas no processo de regionalização pelo IBGE, levando às formas de hierarquização e estruturação da paisagens fisiográficas (1945), geográficas (1965) e homogêneas (1968); enquanto mundo vivido, lugar onde se traçam caminhos interiores e exteriores.

É possível também perceber que a pesquisa dialoga com o passado e o presente: as memórias coletivas e individuais estão sempre se relacionando direta ou indiretamente com a historicidade. Entre a lembrança e a memória, os sujeitos históricos estabelecem elos com o passado, através de suas falas no presente. Ao estabelecer esse diálogo, proporcionam-se fatos muitas vezes vivenciados e transformados em lembranças, buscados nas narrativas dos personagens de José Lins do Rego, José Américo de Almeida e Ariano Suassuna.

Portanto, a relação entre os elementos historiográficos e principalmente geográficos das literaturas propostas possibilitam, entre outras coisas, uma ampliação da compreensão crítica nas atividades escolares, dando sentido ao científico e aprimorando o didático. O ensino da geografia, por meio das análises literárias, promove ainda a ampliação das relações significativas e simbólicas com o cotidiano do aluno. Para além do imaginário literário a necessidade de processar há realidade pelo movimento dialético do sujeito com o mundo e com a obra literária. Diante disso, é possível afirmar o compromisso em construir um cabedal teórico que permita a ampliação das questões didáticas e pedagógicas para o ensino de Geografia.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras Artes**. 3 ed. São Paulo\ Recife: Cortez\ Massangana, 2006.

ALMEIDA, José Américo de. Ad immortalitatem (Discursos do acadêmico José Américo de Almeida e Alceu Amoroso Lima). João Pessoa. SEEPP, 1967.

_____. **A bagaceira**. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLAI, H. C. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, E.; MORAES, L. **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: Nepeg, 2010. P. 15-38

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. (trad.Nathalie Dessartre-Mendonça) In: MENDONÇA, Francisco de A.; KOSEL, Salette T.(orgs.) **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p.11-43.

GLOBALVOICES. **Brasil: E se houver uma nova crise do petróleo?** Disponível em: <<http://pt.globalvoicesonline.org/2012/03/03/brasil-crise-petroleo>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

GULLAR, Ferreira. **Toda poesia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

IBGE. Banco de Dados Agregados. **Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 05 out. 2014.

LIMA, Elaine Aparecida. Centro, Centros, Ética, Estética- A bagaceira: Demonstrando visões críticas. In: **XII Congresso Internacional da Abralic**. Curitiba, v. 18, n. 22, 2011.

MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (orgs). **Geografia e Literatura: ensaios sobre a geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.

MELLO, J. Geografia Humanística: A perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. In: **Revista brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, n.52(54), out/dez, 1990.

MENDES, Denise. **Mestres da Literatura: José Lins do Rego**. Disponível em:
<http://www.pactoaudiovisual.com.br/mestres_final/joselinsdorego/roteiro_de_aula.htm>
Acesso em 07 jul. 2014.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. et al. **Para ensinar e aprender Geografia** – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

REGO, José Lins do. . 38ª ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.

_____. **Banguê**. 21. Ed Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2002.

_____. **Usina**. 11. Ed Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.

_____. **Fogo morto**. São Paulo: O Estado de São Paulo/ Klick Editora, 1997.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do homem**. São Paulo, Edusp, 5ª edição, 1º reimpressão, 2007.

SENCENKO, N. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: brasiliense, 1999.

SEVERINO, Antônio J. O uno e o múltiplo: o sentido antropológico do interdisciplinar. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (orgs.) **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. 4ed. Petrópolis: Vozes, 2000.p.159-175

SILVA, Janaina de Alencar Mota. **Literatura e Cidade: Uma leitura geográfica da obra de Ítalo Calvino**. Universidade Estadual de Londrina. LONDRINA-PR, 2004.

SILVA, Igor Antônio; BARBOSA, Túlio (orgs). **O ensino de geografia e a literatura: uma contribuição estética**1. Uberlândia: UFU, 2013.

SUASSUNA, A. Teatro Moderno. **Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1955.

_____, Ariano. **Iniciação à Estética**. 2. ed. Recife: Editora Universitária – UFPE, _____. O auto da Compadecida. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

THEVES, Denise Widner. **Literatura e Geografia: caminhos e Paisagens**. **ENEPG** – 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre- RS, 2009.

TUAN, Yi-Fu. Literature, experience and environmental knowing. In: MOORE, G.T.; GOLLEDGE, R. G. (eds.) **Environmental knowing**: theories, research and methods. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson and Ross, 1976. p.260-272.

_____. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1998.

_____. **Topofilia**: Um estudo da percepção de atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

WANDERLLEY, V. M. **Geografia e poesia do Sertão nordestino**: Uma revisitação as trilhas romanescas de Ariano Suassuna. In: DINIZ, J. F. et al (orgs). Capítulos de geografia nordestina. Araújo: NPGEO/UFS, 1998.